

16 SET 19

Sinais de recessão

Diante de alguns indicadores econômicos inquietantes, o Governo precisa tomar todo o cuidado para que o País não ingresse numa recessão de sérias repercuções sociais. Empresários do Rio e de São Paulo, os dois maiores parques manufatureiros nacionais, têm admitido, como inevitável, a diminuição drástica de algumas atividades econômicas de modo inquietador. Em São Paulo, particularmente, o nível de emprego nas indústrias teve queda de 0,39 por cento em agosto, em relação a julho, segundo dados liberados pela Fiesp. O desemprego este ano já atingiu a 53 mil pessoas, somente na indústria paulista, a maior do País. Para juntar o ciclo de más notícias, o próprio IBGE, órgão do Governo, indica descida do nível das atividades industriais em julho em todo o Brasil, com a única exceção de Minas Gerais.

É praxe que a atitude da administração federal diante desses indicadores, no passado, sempre foi a de minimizar as estatísticas pessimistas e apostar na recuperação da economia. Em parte, a atitude é comprensível, se for apenas para efeito de não alarmar a opinião pública, já bastante desanimada nos últimos tempos com os insucessos do Plano Cruzado. Talvez não seja de boa psicologia política o Governo afirmar que caminhamos para a uma recessão econômica. Mas é de se esperar, para consumo próprio, que a administração não acredite que omitindo a aceitação dos fatos eles, por mágica, desaparecerão.

A economia brasileira, na verdade, tem sofrido de dois males

que se conjugam para determinar o ritmo maior ou menor de sua expansão. Um deles é a conjuntura internacional, quase sempre longe de controle ou até mesmo de influência do Brasil. O outro é o conjunto de erros praticados pelas autoridades financeiras que, para resumo de raciocínio, são responsáveis por uma dívida externa colossal de cem bilhões de dólares.

Se a conjuntura externa está fora do poder de decisão das autoridades brasileiras, o gerenciamento da política econômica interna é de exclusiva responsabilidade do Governo Federal. E uma das causas dos erros recentes e freqüentes da gestão econômica tem sido justamente o desprezo de dados estatísticos que indiquem o contrário do que as autoridades gostariam que eles dissessem.

Aceitar as advertências de setores da indústria e do comércio, a respeito dos sinais indicadores de recessão econômica, é uma atitude de sabedoria política por parte das autoridades financeiras e monetárias do País. Ainda que se aceite o argumento de que o anúncio oficial de uma recessão possa agravar a situação, semeando o pessimismo generalizado, nem por isso deveriam os responsáveis pela condução da política econômica deixarem de considerar, com toda a seriedade, essas advertências.

Por outro lado, o Governo poderia tranquilizar, numa primeira etapa, os setores empresariais preocupados com a ameaça de recessão, se anunciasse diretrizes e metas para o futuro que contivessem projetos de investimentos econômicos e sociais. Um País

não pode viver apenas do cotidiano. Não há investidor privado que se sinta animado a projetar e a arriscar um vultoso empreendimento se não souber o que pretende o Governo em matéria de política monetária, creditícia e de investimentos para o futuro.

O governo Sarney tomou até agora algumas iniciativas importantes de política econômica, como o Plano Cruzado e o Plano Bresser, mas nunca escondeu que foram medidas de curto prazo, praticamente adotadas em caráter de emergência, sob a dura pressão de uma grave crise inflacionária que ameaçava tornar in governável a própria economia do País. Foram planos de choque que se trouxeram resultados benéficos, por um lado, não chegaram a dar indicações mais seguras do pensamento da atual administração quanto ao futuro. Sabe-se que o Governo tem um programa de desenvolvimento econômico-social em estudos na Seplan, que pretenderia, segundo informações do ministro Aníbal Teixeira, justamente ir ao encontro dessa necessidade de planejamento de longo prazo.

De qualquer modo, o que as indicações econômicas do momento estão revelando aos empresários do Rio e de São Paulo é a proximidade de uma séria recessão. E é para esse fato que o Governo precisa ser alertado, tomando ele próprio as iniciativas que julgue necessárias e adequadas para debelar a situação e prevenir o pior. Nunca é demais repetir a advertência a respeito dos efeitos altamente perigosos da recessão não apenas no aspecto econômico, mas na situação social do País.